


Reflexões sobre a atuação docente: existe o professor ideal?

Silvina Pimentel Silvaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Evanila Abreu de Oliveiraⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Carolina P. Ruivo Silvaⁱⁱⁱ 

Faculdade Einstein, FACEI- ABA- Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Refletir sobre a atuação do professor no exercício da docência é o foco das discussões deste texto. Mais especificamente, propomos adentrar nas imagens que se criam sobre o professor ideal, falar de características necessárias à sua prática docente, apontando possibilidades e impossibilidades ao cumprir suas funções na sociedade de que participa. É um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, consubstanciado nas ideias de autores que nos auxiliam a melhor compreender e explicitar as tarefas desses profissionais. Assim entendendo, destacamos que a identidade profissional do professor envolve um agir dinâmico e complexo, exigindo-lhes uma inserção nos processos socializadores da profissão docente indispensável nos ambientes de aprendizagem e que, por isso, é preciso romper com a imagem idealizada de um modelo pronto e perfeito de professor.

Palavras-chave: Atuação Docente. Professor Ideal. Imagens Sociais da Docência. Características da Docência.

Reflections on teaching performance: is there an ideal teacher?

Abstract

Reflecting on the role of the teacher in the exercise of teaching is the focus of the discussions in this text. More specifically, we propose to enter the images that are created about the ideal teacher, to talk about necessary characteristics for their teaching practice, pointing out possibilities and impossibilities to fulfill their functions in the society in which they participate. It is a bibliographic study of a qualitative nature, embodied in the ideas of authors who help us to better understand and explain the tasks of these professionals. Thus understanding, we emphasize that the professional identity of the teacher involves a dynamic and complex action, requiring them to be inserted in the socializing processes of the teaching profession indispensable in the learning environments and that therefore, it is necessary to break out with the idealized image of a ready and perfect model of teacher.

Keywords: Teaching Performance. Ideal Teacher. Social Images of Teaching. Teaching Characteristics.

1 Introdução

2

O que se considera um bom professor? A partir desta pergunta vestibular nos sentimos provocados para refletir sobre a atuação do professor e, sobretudo, em relação ao que se concebe ou se afirma serem características de um professor ideal - as imagens sociais da sua atuação docente. Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra ideal significa “modelo de perfeição ou excelência (que só existe na imaginação); perfeição suprema”. Dessa definição, já podemos depreender que a afirmação de que existe um perfil de professor ideal é questionável ou inatingível.

Por conseguinte, saímos com a compreensão de que não seja possível alcançar o imaginado professor ideal nem o mestre perfeito. A possibilidade de um ser perfeito, cremos, só existe no plano divino. Na verdade, não é uma conquista à mão dos pobres mortais. Portanto, uma questão polêmica de que não cuidaremos. Voltamo-nos para refletir sobre a prática profissional, quando os professores realizam atividades que caracterizam a sua atuação em sala de aula: no planejamento, na feitura das aulas, nas intervenções e nas avaliações realizadas para garantir que seu ensino seja aprendizagem para os alunos.

A ideia não é discutir as tarefas do professor na escola, estas já estão ritualizadas, como descrevem Tardif e Lessard (2005, p. 163) “todos os eventos cotidianos estão encaixados em ritmos e atividades relativamente uniformes, que compõem a jornada de trabalho. Tais ritmos e atividades correspondem aos ritos básicos da escola [...]”. A pretensão é de adentrar nas imagens que se criam na junção do adjetivo ideal ao substantivo professor, expandindo as caracterizações que atestam que na atuação do professor existem inúmeras possibilidades de inspirar-se em modelos que se dedicam em cumprir suas funções numa sociedade que preza por mantê-la nos moldes como esteja organizada; para outras que evidenciem caminhos para criar novas possibilidades de enfrentar os desafios para o alcance de outra sociabilidade social. Entendemos que o segundo modelo seja o ideal para que as pessoas vislumbrem alcançar um tipo de sociedade que venha garantir efetivamente os princípios democráticos em seus planos de vida.

Refletir sobre essas questões é a nossa intenção com o intuito de expandirmos as discussões sobre a atuação docente e as imagens de um professor idealizado, que adiantamos não ser a de um professor que está pronto ou que seja um modelo a ser replicado.

2 O percurso da pesquisa

3

Toda pesquisa cumpre um percurso ou metodologia que anuncia o modo como o estudo foi desenvolvido, os caminhos percorridos para buscar responder ao que pergunta o objeto de demanda que impulsionou a empreitada investigativa. Neste caso, para dialogar sobre professor ideal ou o bom professor.

Conforme Minayo (2009, p. 15) “a metodologia é muito mais que as técnicas”, envolve concepções teóricas, aponta os caminhos e instrumentos que indicam como alcançar seus intentos de modo contextualizado e crítico. A escolha por um tipo de pesquisa define os rumos a serem tomados. Para este estudo, a pesquisa bibliográfica, numa abordagem qualitativa, será o suporte para identificarmos nas concepções de autores, em suas crenças e visões de mundo, as argumentações para compreendermos, para desenvolvermos e para explicarmos as indagações deste objeto de estudo. Vicentini; Lugli (2009), Passos (2011), Tardif; Lessard (2005), Franco (2012) nos auxiliam nessa discussão no que significa voltar nosso olhar para o exercício da docência, passando por questões que envolvem a figura do professor ideal, ou melhor, do que estamos denominando de um bom professor, conforme o imaginário social.

3 Resultados e Discussões

Há um peso ideológico na expressão professor ideal que merece ser discutido como contribuição para as reflexões de que o trabalho do professor não deve ser qualificado por uma padronização das suas atividades. A atuação docente envolve uma multidimensionalidade de ações, de concepções de saberes, além de formas de compreender o mundo. A profissão do professor é constituída em

contextos econômicos, políticos e sociais que envolvem as diversas áreas dos conhecimentos que alimentam as formas de intervir na realidade. Esses padrões tendem a colocar-se a serviço de uma racionalidade técnica mediadora da conservação e reprodução dos valores dominantes ou, diferentemente, de se colocarem como possibilidade de romper com essa racionalidade.

Entre as qualidades dele requeridas está a competência, ou seja, de que tenha conhecimento técnico e pedagógico, compromisso político com o ensinar, realizar pesquisas, saber orientar trabalhos individuais e em grupo, contar história, saber lidar com os alunos, com a família, saber conduzir as ações desenvolvidas na sala de aula, enfim, estar preparado para gerenciar o ensino e a aprendizagem e também enfrentar os desafios de uma sociedade do conhecimento. No entanto, nem sempre estas, entre tantas outras atividades inerentes à docência, estiveram caracterizando o bom professor ou o professor ideal.

Ao recorrermos à história da educação brasileira, especificamente sobre as representações dos modos de ser professor, no século XIX, observa-se a presença de um perfil de professor ideal fundamentado em padrões de comportamentos, como podemos ver em Vilella (2002, p. 130-131) apud Gondra e Schueler (2008, p. 173-174):

A sacralização do mestre se fundamentava nos modelos de comportamento dele esperados e, conseqüentemente, na produção de representações sobre o professor ideal, portador de atributos exemplares, tais como a calma, a modéstia, a reserva e a discrição, a capacidade para administrar, disciplinar e vigiar os alunos, servindo-lhes de paradigma, na condução de sua vida privada e pública.

Nesta acepção, o professor ideal não era aquele dotado de competência técnica, uma vez que a imagem da docência veiculada era a de que a atuação docente era uma missão. “A simbologia de sua figura remetia para uma concepção sacerdotal da docência em que sacrifício, abnegação e dedicação se associavam na descrição de um mestre exemplar” (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 169).

Esse perfil de professor também adentra o século seguinte no Brasil, servindo como aliado aos ideais republicanos para amenizar as mazelas

educacionais do país e fazer progredir o país através do seu projeto de educação dualista (VICENTINI; LUGLI, 2009). Neste período, conforme Passos (2011, p. 95), “ao professor cabia realizar a tarefa de formação e purificação dos desejos da criança e do adolescente. Seu trabalho estava, assim, incorporado à ideia da docência como missão”.

5 Neste caráter missionário da docência, o professor ideal era quem moldava o aluno ao seu modelo próprio, que devia ser o da docilidade e da obediência. “Sobressai também nessa caracterização às qualidades morais, um conjunto de atributos que capacitam o/a professor/a para assumir a grande responsabilidade pelo patrimônio futuro da família e da humanidade” (NUNES; MACHADO; SOUSA, 2020, p. 12). Nesta imagem evidenciada, o professor seria o salvador dos homens, o promotor da paz e, por isso, não condiz com sua atuação as lutas mais combativas por melhorias salariais e melhores condições de trabalho. Mencionam Vicentini e Lugli, (2009, p. 163) que:

Além disso, esse tipo de discurso pode servir, ainda, para desqualificar a adoção de práticas mais agressivas – tais como passeatas, atos públicos e greves- apresentadas como incompatíveis com a nobreza de sua função, cuja principal recompensa não provém da remuneração, mas sim da possibilidade de promover o aprendizado dos alunos, cientes de sua importância para a sociedade.

Ainda para as autoras citadas, a mídia serviu para a veiculação dessa imagem idealizada do professor, sempre apelando à nobreza da profissão, servindo-se do discurso de que a recompensa simbólica advinda do respeito da população e do eterno carinho dos alunos se opunha à necessária recompensa financeira.

Reforçou essa imagem a definição do dia 15 de outubro como o dia dos professores, data em referência à Lei Geral do Ensino, de 15 de outubro de 1827, que criou as escolas de primeiras letras. Segundo Vicentini e Lugli (2009, p. 172):

[...] originalmente concebida para que as pessoas expressassem a sua gratidão ao primeiro mestre, a comemoração ao Dia do Professor evidenciava o predomínio de uma visão fortemente idealizada da docência que exaltava o sacrifício e abnegação

daqueles que a exerciam e eram relegados ao esquecimento a despeito da nobreza de sua missão [...].

É fato que outros significados foram incorporados às comemorações ao Dia do Professor, mas esta não foi invalidada. A data era a oportunidade de os alunos expressarem seu carinho por seus professores e para se veicular a imagem do professor ideal para os alunos: “centrada na relação afetiva mais do que na autoridade intelectual ou na competência didática” (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 184).

A incorporação da dimensão técnica e profissional do professor como fundamental à sua atuação docente é, nessa lógica, um movimento recente na educação brasileira. Atrelada à luta pela justa recompensa financeira de seu trabalho, o domínio dos saberes especializados passou a ser demandado aos professores, para que se legitimassem na sua atuação e na luta por melhores salários e, conseqüentemente, um melhor exercício de seu magistério, pois o trabalho do professor não é qualquer trabalho, não pode ser feito por qualquer um ou de qualquer jeito. Como afirma Franco (2012, p. 100), “para atuar como docente, há que se estar preparado para isso, com amplo conhecimento teórico e prático daquilo que ensinará”. E não é um trabalho missionário, como atestam Tardif e Lessard (2005, p. 42), “é um trabalho socialmente reconhecido, realizado por um grupo de profissionais específicos, que possuem uma formação longa e especializada”.

No tempo atual, as conseqüências da pandemia que assola o mundo vieram reforçar a importância da presença do professor nos ambientes de ensino e da necessária valorização de suas práticas e de sua competência profissional. O ensino remoto como alternativa para garantir o isolamento social recomendado no contexto pandêmico exigiu novos atributos ao professor frente ao esvaziamento de um conteúdo significativo a ser ensinado-aprendido, as desigualdades sociais evidenciadas e a desmotivação de muitos alunos.

Nesse contexto, ao bom professor, junto à sua competência profissional, algumas características são percebidas como atributos importantes para o desempenho do seu fazer docente, nas relações que estabelecem com os alunos e

com outros docentes. Como mencionam Tardif e Lessard (2005, p. 69) “um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos”. Por isso, a flexibilidade, a criatividade, a organização, a paciência e a empatia são características importantes para todo profissional que se relaciona com seres humanos. Vejamos, então, alguns aspectos dessas características.

7 A flexibilidade atrela-se ao ser flexível. Por sua vez, parte integrante das relações no contexto escolar que deve considerar que os alunos possuem particularidades inerentes aos seus níveis de desenvolvimento cognitivo, habilidades, ritmo de aprender e, também no campo emocional, exigindo que o professor esteja atento para fazer mudanças em seu modo de ensinar, de relacionar-se, na adequação do conteúdo e estratégias de ensino, no cumprimento do cronograma de aulas para que os alunos se beneficiem dos conhecimentos ensinados. Afirmam Tardif e Lessard (2005, p. 43) que “nunca se pode controlar perfeitamente uma classe na medida em que a interação em andamento com os alunos é portadora de acontecimentos e intenções que surgem da atividade ela mesma”. Desse modo, esse atributo do professor expressa a preocupação em torno de uma aprendizagem de qualidade atento às necessidades de replanejamento visando atender aos interesses dos alunos e que favoreçam a motivação pelas aulas.

A criatividade é inerente aos processos de ensinar, liga-se ao criar coisas novas. Não há uma única lógica para explicar a lógica da estrutura do raciocínio humano. É preciso levar em conta as diferenças individuais na apropriação do conhecimento. Cabe ao professor o papel de mobilizador para aprender. Romper com os métodos de ensino tradicionais no sentido de estimular a reflexão, a descoberta, o interesse sobre um assunto ou tema. O novo desperta para a procura de questionamentos, saberes e práticas, de diferentes modos de fazer, no sentido de melhor compreender o mundo e saber conviver. “[...] Ensinar, de certa maneira, é sempre fazer algo diferente daquilo que estava previsto [...]” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 43).

A disciplina e a organização também são essenciais para que o professor consiga realizar os programas de ensino de acordo com o planejado, com os

objetivos esperados. A desatenção com esses aspectos provoca nos alunos a desconfiança, o desinteresse, enfim, o descrédito quanto à atuação do mestre, pois, como nos lembram Tardif e Lessard (2005, p. 70) “o professor é visto e olhado pelo seu objeto de trabalho”. Para que a aula tenha mais fluidez, a boa organização deve ser prioridade do professor. O domínio de sala, a boa relação com os alunos, o domínio dos conteúdos e o bom planejamento das aulas são necessários para que o clima das aulas seja provocativo de uma aprendizagem significativa.

8

Os atributos paciência e amorosidade não podem faltar na relação professor-aluno. Entender as limitações dos estudantes, o agir com tranquilidade demonstra cuidado, o entendimento das necessidades e limitações de seus alunos, compreendendo seus diversos ritmos de aprendizagem. A paciência também é importante para lidar com alunos com problemas comportamentais e em situações de violências e desacatos em sala de aula ou em outro ambiente escolar. Encarar conflitos com equilíbrio, com o diálogo mostra a maturidade do professor, sua competência no exercício da sua autoridade como educador.

Para Tardif e Lessard (2005, p. 71), “ensinar é confrontar-se com problemas e dilemas éticos que se tornam ainda mais delicados quando se encontram num contexto de relações face a face”, por isso, na profissão de professor é imperativo que conheça bem seus alunos e entenda suas dificuldades de aprendizagem, problemas internos e externos à sala de aula, inclusive os que dizem respeito aos problemas familiares, de saber colocar-se no lugar do outro, envolve o ser empático.

A palavra empatia é derivada do grego “empathia” e pode ser traduzida como algo próximo de paixão. Mostra-se, na atualidade, uma qualidade fundamental aos docentes, ou seja, demonstra-se pela capacidade de se colocar no lugar do outro para analisar a situação vivenciada sob diferentes pontos de vista em relação a quem está vivendo uma situação diferente da sua. Gentileza, respeito para entender sentimentos e emoções no relacionamento humano. Nesse movimento, alunos e professores desenvolverão melhor as capacidades educativas de relacionar-se no mundo de gerir melhor suas emoções e sentimentos e aprimorar sua capacidade com sociabilidade.

Franco (2012, p. 163) bem coloca que “a prática docente avulsa, sem ligação com o todo, perde o sentido”, por isso, nessas reflexões tecidas sobre a atuação docente, sobre as atribuições esperadas do bom professor, para além do enfoque ao imprescindível domínio do conhecimento teórico e prático do que leciona, evidenciamos a flexibilidade, a criatividade, a organização, a paciência e a empatia dentre outras tantas dimensões que resultam das interações professor-aluno, como essenciais à promoção da aprendizagem dos alunos. Como mencionam Tardif e Lessard (2005, p. 72), “é porque trabalha com um coletivo humano segundo modalidades de interações e de significações que o docente se confronta com outras dimensões fundamentais da complexidade de sua tarefa”.

4 Considerações finais

A imagem do professor é construída em diversos espaços e tempos. A realização da prática docente envolve competências e habilidades para dar conta desse ofício. Não é um fazer simples, mas bastante complexo. É uma atividade cercada de possibilidades e também de limites na condução da sala de aula, na relação com os alunos. Envolve o domínio de saberes das áreas específicas do ensino e pedagógico, condutas éticas e morais. Dedicção, paciência, competência, amorosidade e resistência são os pilares fundamentais da docência.

A identidade profissional do professor é o resultado – dinâmico e complexo, não estático e findado – da inserção do indivíduo, dotado de uma identidade prévia, nos processos socializadores da profissão docente. É mera ilusão pensar que qualquer profissional possa ser professor, ministrar aulas, de que baste apenas o notório saber, assim como de que a figura do professor possa ser dispensada dos ambientes de aprendizagem. A tarefa do professor implica lidar com um mundo carregado de conotações, de valores, de interesses políticos e sociais, de experiências e vivências como norteadores da prática de ensino, do exercício profissional.

Por fim, retornando à pergunta que intitula esse estudo: existe o professor ideal? Concluimos que esse não se trata de um modelo único que possa ser

replicado, mas sim de um profissional que com competência técnica e teórica age de acordo com seu contexto histórico e social, promovendo a alegria e o desejo de aprender, criando espaços para a reflexividade, incentivando à descoberta para questionar e construir ideias que rompam com a mera repetição mecânica, com a reprodução de relações sociais excludentes, que sejam comprometidos com a produção de conhecimento e que promovam diferentes visões de mundo e modos de viver e conviver em sociedade.

Referências

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e Prática Docente**. São Paulo, Cortez, 2012.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; SOUSA, Débia Suênia da Silva. “Ensinar as crianças é o sacerdócio que conduz ao bem”: educação, docência e escola no jornal O Educador (1921-1922). **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 6, n. 1, e1485, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1485>. Acesso em: 20 set. 2022.

PASSOS, M. (Org.). **A mística da identidade docente: tradição, missão e profissionalização**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

ⁱ Silvina Pimentel Silva, ORCID: <https://ocid.org/0000-0002-5486-3608>

Universidade Estadual do Ceará; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Graduada em Pedagogia (UECE) Doutora em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutorado em Educação na Universidade de Brasília (UNB). Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UECE).

Contribuição de autoria: escrita do texto, orientação e revisão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2603980480542328>-

E-mail: silvina.silva@uece.com

ii **Evanila Abreu de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1622-2575>

Universidade Estadual do Ceará; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Graduada em Pedagogia (UECE). Professora efetiva da rede municipal de Educação de Eusébio-CE.

Contribuição de autoria: idealização, escrita do texto e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8607613214813101>

E-mail: evanila.oliveira@aluno.uece.br

iii **Carolina P. Ruivo Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3252-9534>

Faculdade Einstein, Pós-Graduação em MTC, Curso de Acupuntura.

Graduada em Fisioterapia - Centro Universitário Christus; Graduada em Biologia pela Universidade Estadual do Ceará (2012) Fisioterapeuta do Centro de Educação e Saúde – CISE Especialização em Acupuntura (em andamento) Faculdade Einstein, FACEI- ABA- Fortaleza, CE, Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6601168984203826>

E-mail: carolinaprs@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Silvana Pimentel; OLIVEIRA, Evanila Abreu de; SILVA, Carolina P. Ruivo. Reflexões sobre a atuação docente: existe o professor ideal?. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.